



O CRÉDITO, adverte a economista da UFRJ, não tem disparado

“Só o mercado externo não puxa o processo”

Jennifer Hermann critica vulnerabilidade

Se depender das previsões da professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro Jennifer Hermann, as perspectivas são bem sombrias para a economia brasileira no ano que vem. Ela lembrou que realmente há uma série de indicadores favoráveis, como a recuperação da indústria, uma modesta melhora no emprego e um megasuperávit surpreendente. O problema, advertiu a economista, é o que virá pela frente.

— Esta euforia do Natal pode até resultar em alguma melhoria no primeiro trimestre, mas estou preocupada é com o ano inteiro de 2004.

O principal risco, alertou a economista, é a excessiva vulnerabilidade externa. Programar o crescimento puxado principalmente pela área externa – exportações e investimentos diretos – não deve assegurar um avanço sustentado.

— É claro que as exportações têm um efeito multiplicador doméstico. Gera renda adicional, faz com que as pessoas possam consumir mais. Esse efeito está bastante prejudicado na economia brasileira ultimamente.

Em 2004, continuará a ser prejudicado por causa do aumento da carga tributária, impactando inclusive os investimentos e as exportações.

Jennifer sugeriu que o mais sensato para assegurar um crescimento sustentado, portanto, é a valorização do mercado doméstico.

— O crescimento precisa ser sustentado e não este vôo de galinha. O problema de depender do mercado externo é que não é possível controlá-lo por políticas econômicas domésticas. E não podemos ficar novamente dependendo da sorte.

Para a professora da UFRJ, o principal erro do governo Lula foi ter insistido no mesmo modelo econômico anterior, inspirado na gestão Fernando Henrique Cardoso.

— Ninguém agüenta mais esta equação que exige o compromisso de manter 4,25% do PIB de superávit primário e juros elevados. A taxa de juros real é altíssima, advertiu.

O mais sensato, na avaliação de Jennifer Hermann, seria dar maior prioridade ao mercado doméstico. Ela lembrou ainda que, em outras épocas, o Brasil enfrentou gargalos para o crescimento por causa de importação de bens de capital. “Ainda somos um país dependente de tecnologia externa”, finalizou.

“Estou pessimista. Vejo riscos reais para o crescimento em 2004”